

## PERCEPÇÃO E VALOR - O TEXTO LITERÁRIO E A LITERATURA DE MERCADO

Cristiana Vieira Olivo

Resumo : A partir das reflexões já iniciadas por Walter Benjamin, em *Charles Baudelaire : um lírico no auge do capitalismo*, procuro trazer às mais recentes discussões envolvendo literatura e sociedade, as noções de « percepção e valor » da obra de arte, especialmente da obra literária. Analisando os poemas em prosa de Baudelaire, estabeleço um paralelo entre seus questionamentos a respeito do valor de mercado da obra de arte demonstrando a atualidade de suas indagações.

Ao propor a presente comunicação para este congresso, pensei inicialmente nas reflexões de Walter Benjamin, ao analisar a obra de Charles Baudelaire, sobre valor de mercado da obra de arte e, mais especificamente da literatura. Benjamin voltava a Paris do Segundo Império para resgatar o poeta angustiado, situado não no momento eufórico mas no momento melancólico, da maturidade e crítica da modernidade, momento de crise e reflexão. Esta reflexão em Baudelaire é sempre abalada pela ironia e, ao lado de outros de sua geração, ele torna-se um feixe daquele momento. Numa trajetória marcada indelevelmente pela controvérsia a fragmentação representada no texto pela metonímia e o uso da analogia como recurso para enfrentar a alteridade e a falta de sentido, expressam o sentimento duplo e contraditório do poeta da modernidade. A consciência desdenhosa formada e deformada pela vida na grande cidade mostra a dupla natureza do artista urbano, superior e decaída. O poeta angustiado precisa dar uma alma eterna ao homem, relacionando eterno e efêmero. Precisa estar na multidão e fora dela, dar forma dupla ao que faz. Nasce daí a arte como magia, que reúne obra e sujeito.

Benjamin, em artigo datado de 1933, intitulado *Experiência e Pobreza*, no qual lembrava nostalgicamente os contadores de histórias, encarnados em pais e

avós, tendo às mãos livros de leitura com longas narrativas sobre países longínquos, falava da concepção do mundo no século anterior afirmando que “a horrível mixórdia de estilos e concepções do mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza aonde esses valores culturais podem nos conduzir, quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorrateiramente, que hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza”<sup>1</sup>. Mais, criticando a necessidade da nova experiência, da nova sensação, da tendência, mostrava o quanto a “natureza e a técnica, o primitivismo e o conforto se unificaram completamente e , aos olhos das pessoas, fatigadas com as complicações infinitas da vida diária e que vêem o objetivo da vida apenas como o mais remoto ponto de fuga numa interminável perspectiva de meios, surge uma existência que se basta a si mesma, em cada episódio, do modo mais simples e mais cômodo. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos de empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do *atual*”<sup>2</sup>.

Lá, no período entre guerras, como cá na era ciberespacial, o homem afastava-se e afasta-se do homem, deixa de perceber-se, deixa de ler-se. A multidão entrou em sua casa pela tela e pelo monitor, estreitou a distância com a rua. Não é mais necessário estar no meio da multidão, ainda que só, para sentir a vida que ali vive, sonha, sofre. Tragicamente mais só que o poeta em meio a *flânerie*, o homem contemporâneo é eminentemente um homem urbano, da metrópole. A metrópole chega até ele, virtualmente, ilusoriamente. O contador

---

<sup>1</sup> BENJAMIN, Walter . *Magia e técnica, arte e política – Volume I das Obras Escolhidas*. 10<sup>a</sup> reimpressão - São Paulo : Brasiliense, 1996. p. 115.

<sup>2</sup> Idem. p. 118.

de histórias e o poeta perdem espaço para o informador que substitui a transmissão de uma experiência no sentido pleno pela informação rápida, desconexa, fragmentada, deixando cair o trabalho artesanal da e com a palavra. A imagem do poeta faz lembrar o mensageiro do conto de Kafka, “A Muralha da China”, que depois de ajoelhar-se ante o imperador moribundo e ouvir dele a mensagem sussurrada “tão importante que o mandou repeti-la em seu próprio ouvido, assentiu com a cabeça e confirmou a exatidão das palavras. De pronto, este se pôs em marcha, homem vigoroso, incansável. Estendendo ora um braço, ora outro, abre passagem em meio à multidão; avança facilmente, como ninguém.

Mas a multidão é enorme; suas moradas não têm fim. Fosse livre o terreno, como voaria, breve ouvirias na porta o golpe magnífico de seu punho. Mas, ao contrário, esforça-se inutilmente; comprime-se nos aposentos do palácio central; jamais conseguirá atravessá-los; e se conseguisse, de nada valeria; e quando finalmente escapasse pelo último portão – mas isto nunca, nunca poderia acontecer – chegaria à capital, o centro do mundo...por onde ninguém consegue passar.”<sup>3</sup>

Talvez seja a hora de embriagar-nos. Penso na estranha esgrima baudelairiana, esta mediação genética fincada no processo criativo, no corpo-a-corpo com a palavra, revivida em tempos de globalização. Os fatores externos como publicação e divulgação pesam ainda mais sobre os ombros do poeta, mais que o tempo. É preciso ocupar um espaço, levar a obra até o leitor para que ela se realize e viva, completar a mediação. Antes, entretanto, é preciso atribuir-lhe um valor. E quanto vale uma obra? Onde está o público, esta massa movediça e

---

<sup>3</sup> KAFKA, Franz. *A Muralha da China*. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo : Clube do Livro, 1968. p.56-57.

disforme que dita as regras da publicação? Não se trata evidentemente de garantir a venda desta ou daquela edição nem de direitos autorais. Não é esta a questão aqui levantada. O que interessa é a percepção que a recepção da obra indica e encerra, a experiência do leitor, do homem e da sociedade. O contato entre as pessoas, o fazer junto que a leitura contempla. Não a obra como fetiche à qual integrantes de nichos específicos dedicam-se à análise exaustiva. Mas o poema que escreve o homem com um ritmo mágico, um encadeamento de sons e imagens que fazem pensar o homem ou, como quer Antônio Cândido, que fazem ver o mundo de uma maneira nunca antes vista ou sentida.

A imagem do artista esgrimista se agiganta ao mesmo tempo em que imagino o *flâneur* sendo arrastado das galerias, alçado à condição de «grande irmão» e colocado diante da telinha para mais um paredão ou uma final. Onde pulsa a alma do poeta no mundo contemporâneo? Como ele que sente e mostra e revolve as sensações do homem chega a este mesmo homem? Nas calçadas abarrotadas de tantas avenidas ou nas estações do metrô das grandes cidades, os homens passam por homens. Todos iguais, vidas iguais, desejos iguais. Formam a massa, mas não há o contato. Ao sinal de qualquer proximidade o homem repele o homem. O outro é mais um estranho na multidão.

As janelas fechadas da contemporaneidade talvez não sejam hoje os objetos mais profundos, mais misteriosos, mais fecundos. Talvez dentro deste buraco negro ou luminoso não haja mais vida. Os focos são diferentes, estamos fora de foco. Tal e qual o mau vidraceiro, carregamos nossos vidros transparentes, através dos quais observamos o que está mais próximo, mais evidente, o outro lado, mas não o outro. Não temos vidros coloridos, vidros

rosas, vidros vermelhos, azuis, vidros mágicos, vidros do paraíso. Em bairros pobres ousamos passear sem ter nem mesmo vidros que tornem a vida bela<sup>4</sup>.

A luz e a beleza escapam, escorrem e fogem em meio à multidão de roteiros, letreiros, cartazes, apelos áudio-visuais. A percepção está sob constante bombardeio. O homem contemporâneo acredita-se mais perspicaz, mais eficiente por ter à mão instrumentos como a rede virtual que permite rápida comunicação e informação por todos os espaços delineados pelo contorno da tela. Sente a necessidade – e a angústia por ela gerada – da superinformação e perde nas linhas de tantas letras os contornos de uma face própria. A percepção é hoje quantidade e estilhaça o homem, fragmenta-o irrecuperavelmente. É possível saber o que há de novo no mundo mas o que é interno, humano, fica mais e mais distante.

Não deixo que o texto enverede pelo caminho do panfleto, tampouco desejo que tenha tomado contornos apocalípticos. Não acredito que temos uma missão, não uma missão a cumprir. Busco levantar questões a respeito não somente do mercado literário e do papel social do artista mas também e principalmente sobre o que fazemos nós, pesquisadores e divulgadores, emissores e receptores, nós mediadores privilegiados, pois que navegamos entre os universos da obra, do autor e do leitor. Não temos a verdade, pois que esta é a primeira falácia. Trabalhamos o, sobre, com, para o homem. Enquanto analisamos textos e poemas nos encontramos nos contornos das rimas, no trabalho da frase, na oscilação do ritmo. O fio desta trama narrativa não é um só. Cada ponta que puxamos une-se a outras três ou quatro e, ao final destas

---

<sup>4</sup> Alusão ao poema em prosa de Charles Baudelaire, *O mau vidraceiro*, em *Spleen de Paris*.

mais outras tantas e quanto mais procuramos, mais pesquisamos, mais teias e redes vão surgindo. Cabe-nos talvez guardar um tesouro, não como mito, não como fetiche e sim como o que ainda temos.